



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

RIO DE MARIAS, FRANCISCAS E JANUÁRIAS: DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO COMUNITÁRIO COM MULHERES EM UMA COMUNIDADE RIBEIRINHA NO ALTO-MÉDIO RIO SÃO FRANCISCO

Thais Fernanda Leite Madeira
Universidade Federal de São Carlos. Programa de Pós
graduação em Sociologia/doutoranda
thais.madeira08@gmail.com

Maria Inês Rauter Mancuso
Universidade Federal de São Carlos. Centro de Educação e
Ciências Humana. Departamento de Sociologia
inesmancuso.ds@gmail.com

O objetivo principal deste trabalho é relatar experiências de desenvolvimento comunitário realizado com mulheres integrantes de famílias ligadas à pesca artesanal realizada no Alto-Médio Rio São Francisco, no Brasil, atividade da qual dependem milhares de famílias.

Contextualizando o projeto: O Alto e Médio Rio São Francisco e os Pescadores

O rio São Francisco apresenta 2 700 km de extensão e, desde sua nascente no Parque Nacional da Serra da Canastra até sua foz no Oceano Atlântico, entre Alagoas e Sergipe, passa pelos Estados de Minas Gerais, Bahia e Pernambuco. Sua bacia é tradicionalmente dividida em quatro regiões: Alto, Médio, Submédio e Baixo. O Alto-Médio Rio São Francisco compreende o trecho entre a nascente até Pirapora e Buritizeiro, no Estado de MG, com uma extensão de 630 km, sendo caracterizado por águas rápidas, frias e oxigenadas. Milhares de famílias dependem, em toda essa extensão, da pesca artesanal. O rio São Francisco vem sendo submetido a uma série de agressões – ausência de tratamento de esgoto nas cidades à sua beira; poluição oriunda de indústrias, mineração, agrotóxicos; fechamento de lagoas marginais que são berçários de peixes; barragens – o que tem levado, segundo os pescadores, a uma diminuição do pescado. Além disso, por ser uma região caracteristicamente pobre, a pesca artesanal é o recurso de muitas pessoas que não conseguem se inserir em outros setores da economia. Nesse contexto, o presente trabalho, tem como objetivo principal,



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

relatar experiências de desenvolvimento comunitário realizado com mulheres integrantes de famílias ligadas à pesca artesanal realizada no Alto-Médio Rio São Francisco, no Brasil.

De 2003 a 2007, foram desenvolvidos, na área, dois projetos relacionados. O primeiro, mais amplo, intitulado *Pesca Continental no Brasil: modo de vida e conservação sustentável*-, fundamentava um acordo bi-lateral entre o Brasil e o Canadá, e foi financiado pela CIDA – Agência de Desenvolvimento Internacional do Canadá. Os objetivos básicos desse projeto eram contribuir para o desenvolvimento da co-gestão da pesca, da construção de modos de vida sustentáveis e da garantia dos recursos pesqueiros. Um dos princípios que orientou a formulação das atividades foi a promoção da equidade de gênero, tema que deveria ser transversal a todas as atividades. A promoção da equidade de gênero era um princípio, inclusive, que se colocava para se julgar o mérito dos projetos a serem financiados pela CIDA. O segundo projeto, intitulado *Rumo à Co-gestão da Pesca no Vale do Rio São Francisco*, financiado pelo IDRC – International Development Research Centre, buscava contribuir para o desenvolvimento da co-gestão da pesca em parceria com os pescadores artesanais profissionais do Rio São Francisco no Estado de Minas Gerais. Os dois projetos foram realizados nos municípios de Três Marias, de São Gonçalo do Abaeté / Bairro Beira Rio, de Buritizeiro, de Pirapora, de Várzea da Palma/ Subdistrito de Barra do Guaicuí, de Ibiaí, localizados no Alto- Médio Rio São Francisco, no Estado de Minas Gerais. Foram desenvolvidas atividades de capacitação técnica, apoio ao desenvolvimento de alternativas de renda, vivências educativas, construção de parcerias, captação de recursos financeiros, educação ambiental para jovens e adultos, entre outras ações, (Mais informações www.wft.org/ppa).

Desenvolvimento Econômico Comunitário: a inserção das mulheres ribeirinhas do Alto-Médio Rio São Francisco

Durante o desenvolvimento do projeto duas observações se ressaltaram: 1) a percepção de que quaisquer vontade e iniciativa da parte dos pescadores em diminuir a pressão sobre o rio tinham como limite e condicionante a própria sobrevivência; 2) a percepção das disposições diferentes de homens e mulheres para participar das



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

atividades propostas. As mulheres pouco se dispuseram a participar das atividades mais associadas ao desenvolvimento de liderança e de capacidade de gestão. Nessas atividades, o interesse era mais explícito entre os homens. Considerou-se que os interesses naturais (não no sentido biológico, mas no sentido de que somos construções sociais e a nossa natureza é social) seriam os caminhos para se chegar até as mulheres e, assim deveriam delinear atividades destinadas às mulheres. Este estudo relata duas dessas experiências. A primeira teve, como objetivo, explicitar as representações do rio e de si próprias que as mulheres têm. Utilizaram-se o recurso das imagens fotográficas, registradas pelas próprias mulheres, em várias localidades que fizeram parte da atividade, seguido do relato que expressava o significado das imagens. A segunda teve como objetivo organizar economicamente as mulheres, de maneira que elas assim pudessem agregar valor ao pescado, criando novas alternativas de renda. Foi realizada apenas uma experiência em um das localidades da área de interesse. Os levantamentos iniciais já haviam demonstrado que, na pesca, as mulheres se dedicavam basicamente ao trato do peixe – limpeza e filetagem, basicamente – enquanto os homens se dedicavam à captura. Em julho de 2005, o PPA implementou a oficina de Desenvolvimento Econômico Comunitário e Gênero (DEC). O objetivo era criar estratégias locais que permitissem a formulação de ações de intervenção para o autodesenvolvimento, geração de trabalho e renda dessas comunidades, fortalecimento institucional das mulheres pescadoras, desenvolvimento de ações para a qualificação do sistema produtivo e adequação à legislação sanitária, para obtenção de registros dos produtos comercializados, apoio para inserção mercadológica e valorização da produção, especialmente aquelas que tenham como centro de interesse a promoção da igualdade de gênero e raça e o estímulo à preservação do meio ambiente. Edições dessa oficina foram realizadas no Beira Rio, em Três Marias, em Ibiaí, em Pirapora e em Barra do Guaicuí. Mapearam-se os recursos existentes nas comunidades ribeirinhas e as demandas existentes entre pescadores profissionais dessa região. Os resultados dessas atividades foram projetos de geração de trabalho e renda elaborados pelos comunitários, com um acompanhamento sistemático dos consultores do PPA e parceiros institucionais.

Essas atividades seguem o princípio da Economia Solidária. Segundo SOUZA(2010):

Economia solidária é o termo que designa e identifica politicamente uma variedade de iniciativas coletivistas de produção, comércio, consumo,



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

poupança e crédito, balizadas por princípios idealmente igualitários e democráticos. Tal universo abrange cooperativas, empresas recuperadas ou em reabilitação de processos falimentares, pequenos empreendimentos comunitários (pré-cooperativas), associações locais de troca de mercadorias e serviços através do uso de uma moeda artificial e práticas de venda, até internacional, de produtos desses empreendimentos alternativos em um “comércio justo”.

As duas primeiras atividades dirigidas principalmente às mulheres foram: 1) oficina de desenvolvimento comunitário e gênero em que questões sobre relações de gênero, corpo e sexualidade foram discutidas; 2) oficina de foto e texto, pela qual câmaras fotográficas foram entregues as mulheres e, frente às fotos realizadas por elas, lhes foi inquirido o que as fotos lhes suscitavam. O resultado foi apresentado em *banners*. Outras atividades foram realizadas seguindo interesses manifestos de mulheres já anunciados em pesquisa, tipo *survey*¹, realizada ao início de todo o processo. O trato com peixe foi o tema escolhido, dado que limpeza e filetagem eram atividades em geral realizadas por mulheres. Na divisão do trabalho da pesca, os homens se dedicam à pesca, com barco e com equipamentos mais sofisticados e, as mulheres, à limpeza e à filetagem dos peixes². De acordo com o valor-família, tal como discutido por Duarte (1988, p.174), quando pescam, as mulheres geralmente o fazem às margens do rio e com vara. Poucas são as que pescam sozinhas e de barco. Essas poucas mulheres, sem deixar de lado as obrigações socialmente naturalizadas, criaram, na pesca, ‘canais de escape’ que lhes possibilitaram a liberdade e assim exercerem aquilo de que gostam. De certa forma todas, sem exceção, guardam espaços de convívio único nos quais desfrutam de suas individualidades. Isso explica o gosto demonstrado pelas mulheres pelo trabalho da pesca, conforme é demonstrado nas narrativas:

É um trabalho que a gente pejeja, tomba o barco [...] é difícil. Agente passa muita coisa. Em casa é difícil demais e no rio também, mas a gente tem que agüentar. O meu lazer é mexer com as minhas plantinhas e ir para o rio. Eu sentei aqui para conversar com você, mas eu não sento não, eu não paro não, mas às seis horas da tarde eu já estou deitada (Ana, 48 anos, Ibiaí- MG).

¹ No *survey* domiciliar realizado em 2004, quando foi perguntado o que homens e mulheres gostariam de aprender as respostas comuns mais freqüentes foram: ler/estudar, dirigir, enfermagem, pesca, computação. As exclusivamente afirmadas por mulheres foram: costura, cabeleireiro, artesanato, bordado, culinária, ensino. As exclusivamente afirmadas por homens foram: mecânica, eletrônica, piscicultura, música, comércio, política, construção civil, agricultura, veterinária, línguas, turismo. As respostas caminharam, portanto, em direção ao que tradicionalmente se reconhece como feminino ou masculino.

² Quando se compararam as observações sobre as localidades observadas, considerou-se que principalmente em Três Marias onde se encontra um dinamismo econômico maior, as mulheres tendem a trabalhar em atividades consideradas femininas –serviços domésticos, comércio e, na pesca, na limpeza e filetagem de peixes. Em Ibiaí e Barra do Guaicuí, com um mercado nada dinâmico, as mulheres mais freqüentemente permanecem na pesca, inclusive na captura.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Mesmo essas poucas mulheres temem, quando perdem o companheiro, que a atividade da pesca possa ficar comprometida, como aconteceu com Mariana (42 anos, residente em Ibiaí). Mariana é pescadora. Em fevereiro de 2007 quando foi entrevistada, morava sozinha, pois havia acabado de se separar do marido. O filho ficou na casa do marido. O que chamou atenção na entrevista foi a inquietação quanto ao seu futuro de pescadora. Ela temia que precisasse deixar a pesca pois não tinha mais um homem com o qual pescar. As mulheres, diz, em geral acompanham o marido. Separada, como continuar pescando? Mariana levantou a questão não de uma identidade que se constrói no trabalho por meio de relações de gênero, mas de uma identidade que se destrói.

Nós somos pescadoras, e temos o nome de pescadora a cuidar. Logo, temos que pescar e mostrar o nosso trabalho. [...] Eu não estou pescando porque não tenho parceira, estou separada do meu marido, é muito difícil para uma mulher pescar sozinha, pois são várias funções que temos que executar durante a pesca. É mais difícil as mulheres pescarem juntas. No meu caso eu pescava com o meu marido dia e noite, e hoje não tem como eu fazer isso. (Mariana, 42 anos, Ibiaí).

Introduziu-se, nas oficinas, por sugestão de técnicos canadenses, a defumação de peixe³, forma tradicional utilizada no Canadá por grupos indígenas para preservação do salmão. Técnicos canadenses realizaram as primeiras oficinas de treinamento entre pescadores e mulheres ribeirinhas. A primeira oficina foi realizada em Três Marias, com pessoas de todas as localidades de interesse. As mulheres responderam positivamente ao convite. De um modo geral, o curso mostrou as dificuldades que empreendimentos sociais têm com relação a formação e conhecimento técnico. A alta taxa de analfabetismo e a falta de acesso a leitura aprofundam a dificuldade de abstração do pensamento, dificultando a compreensão de princípios técnicos que orientam a prática. Por isso, a necessidade da prática. No início do curso foram apresentados aos participantes os objetivos do curso e o intuito de elaborar, re-elaborar e construir possibilidades de obtenção de renda complementar aos trabalhadores da pesca artesanal na região do Alto-Médio São Francisco. Ao contrário do que ocorreu com as oficinas de gestão, quando o trabalho da casa era usado como justificativa para a não participação, as mulheres reagiram positivamente ao convite.

³ Na defumagem, o peixe é aberto e, depois de limpo, usualmente é colocado em uma espécie de salmoura com temperos e, após algumas horas, é posto em um forno.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Mudei, eu não sabia sair de casa, eu tinha medo. Agora, por exemplo, no dia da oficina de tirar espinhos eu saí, e nem o marido estava. Só sei que, quando ele chegou aqui eu já estava lá em Três Marias. Nós sabemos sentar e conversar e receber pessoas. Tive uma idéia melhor. (Nanci, 45 anos, Ibiaí)

O marido não apóia eu participar. E isso dificulta que participe mais [...] um dia eu tomei iniciativa e disse para meu marido que eu iria, que eu não poderia deixar de ir. (Cleo, casada, 33 anos, Ibiaí).

Marias, Januárias e Franciscas: além da casa

A participação nas oficinas foi percebida como construindo alternativas econômicas para as famílias de pescadores frente ao processo de pauperização. Em que pese a real importância de complementação de renda, é preciso levar em conta as múltiplas tarefas desempenhadas, exclusivamente pela mulher pescadora, pois ainda são elas que realizam as atividades ligadas aos espaços domésticos, circunscritos fundamentalmente à casa, à educação dos filhos e ao quintal. Ademais, muito do que fazem não se destina ao mercado e não é visto, portanto, como trabalho, mesmo quando se trata de tarefas que permitem aos homens pescar: cozinhar, tecer ou remendar armadilhas de pesca para o marido e filhos, fazer café, limpar os peixes, etc.

Em decorrência da oficina de defumação seguiram-se a de desossa dos peixes e a de aproveitamento das partes descartadas. No peixe defumado não seria comercialmente interessante encontrar espinhas. A desossa, porém, leva ao descarte de muita carne do peixe. Daí a necessidade de utilizar essas partes para não haver desperdício.

Nas oficinas, quando se discutiam possibilidades de atividades alternativas de renda, recuperou-se também, em especial em Ibiaí e Pirapora, a técnica de salgamento, forma tradicional local⁴ de preservação do pescado. Pensou-se em trabalhar com a corvina. Nanci, uma das pescadoras entrevistadas, disse que Josemar (então presidente da colônia de Ibiaí) sempre dizia que “ia vir um pessoal para dar um curso aqui para nós de pesca, para melhor lidarmos com a pesca”. Esse grupo formulou o projeto corvina, considerado bom para defumação e para o salgamento e, ao mesmo tempo, ruim para venda *in natura*.

O salgamento do peixe como forma de preservação do pescado já havia sido lembrado em outras ocasiões, em conversas informais. Seu João, pescador de Barra do

⁴ É interessante que esta técnica foi mais lembrada na região de Pirapora do que em Três Marias, talvez porque aquela seja uma região mais tradicional.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

Guaicuí, de aproximadamente 50 anos, lembrava-se de que, na sua infância, quando os pescadores retornavam da pesca, encontravam as margens do rio repletas de mulheres que esperavam para limpar e salgar os peixes. Isso desapareceu com a introdução do gelo. Com o gelo levado junto para o rio, o peixe podia ser imediatamente preservado e, posteriormente vendido a um atravessador. O gelo, portanto, diminuiu a importância das mulheres na pesca e a do salgamento como técnica de conservação. Nesses momentos de lembrança, não se percebia a possibilidade da recuperação do salgamento para agregar valor ao pescado. A este objetivo sempre se associavam a filetagem e o congelamento. Foi preciso que uma oficina realizada com o objetivo expresso de discutir alternativas de renda acontecesse para recuperar a viabilidade de uma técnica tradicional. A importância dessa tradição local foi ampliada quando confrontada com a importância da defumação, tradição que não foi perdida no Canadá, e que foi ressignificada do ponto de vista comercial.

Em Ibiaí, segundo Josemar, a técnica de salgar o peixe surgiu dada a necessidade de armazenamento do pescado. Pela técnica, passada de pai para filho, o peixe era levado para casa e toda a família cuidava do salgamento. Quando houve a introdução do gelo, a técnica foi parcialmente esquecida. Levava-se o peixe para casa e armazenava-se no congelador à espera do atravessador que estabelecia a intermediação entre pescador e comerciante. A casa transformou-se em “pequenos frigoríficos”, estocando o peixe congelado que, em parte, perde valor comercial, pois nele, segundo um outro pescador informante, a agregação de valor é baixa. O peixe salgado também perdeu, a partir disso, o valor comercial, sendo somente consumido pelos próprios pescadores.

Segundo Josemar, buscaram-se, então, “as pessoas mais antigas que pudessem ensinar e relembrar os antigos modos de salgar”. No processo de revitalização da técnica, deparou-se com a sazonalidade do peixe corvina: escasso em determinados momentos do ano e abundante em outras. A corvina, que se encontra na Amazônia, no Araguaia e Tocantins, nas bacias do Prata e do São Francisco e nos açudes do Nordeste, é apreciada dada a sua saborosa carne branca. Além do salgamento, em Ibiaí começou-se também a defumar o peixe de maneira rudimentar: utilizava-se um tambor, no qual se coloca o material para exalar fumo. O peixe fica em cima de uma grade que cobre a boca do tambor. Depois de um tempo que pode chegar a 12 horas, ele é embalado e está pronto para ser comercializado e consumido. Qualquer peixe de escama pode ser



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

defumado. A defumação no tambor, segundo seu Geraldo, presidente da colônia de Buritizeiro, é uma adaptação da técnica canadense às condições da região, fato reconhecido por Yogi Carosfeld, técnico canadense e presidente da ONG WFT, que teve a idéia de trazer a técnica de defumação de peixe para a região.

Segundo Josemar, “continuamos fazendo o peixe salgado, mantendo-o na forma *in natura* e, na medida do possível, defumando-o também”, diversificando assim as possibilidades de mercado. Não haveria, para ele, distinções entre as diferentes técnicas. Para outro pescador (Seu Zé de Nós, de Ibiaí) a defumagem bem como o salgamento superam o congelamento, já que as primeiras agregam valor ao produto, enquanto que a segunda não. Josemar ainda considera que o salgamento é mais simples que a defumagem. Essa última exige um grau de especialização maior do que a primeira, agregando, conseqüentemente, maior valor ao peixe. O produto então adquire um alto valor agregado tornando-se pouco acessível para pessoas de baixo valor aquisitivo. Além disso, por ser um produto artesanal, é difícil baixar os custos da produção para torná-lo mais acessível, já que assim poderia perder a qualidade. Josemar coloca-se apreensivo em relação à pressão que pode sofrer do mercado e da concorrência se a técnica for apropriada por micro-empresas ou empresas com grande capital de investimento.

O Grupo de Desenvolvimento Econômico Comunitário de Ibiaí, Três Marias, Pirapora e Buritizeiro, conseguiram apoio da Fundação Banco do Brasil para a aquisição de equipamentos necessários na fabricação, embalagem, entre outras coisas, para que o empreendimento social permanecesse.

O Grupo Artesanal do Peixe Defumado de Três Marias conseguiu um espaço físico cedido pela prefeitura local, por meio de um contrato de comodato de 10 anos sem custos com aluguel, energia e água para o beneficiamento do pescado e produção do dourado defumado. Com o apoio da Fundação Banco do Brasil, o espaço físico foi adequado às exigências sanitárias municipais para que o grupo pudesse beneficiar e comercializar o produto conforme as normas de higiene e segurança.



Curso de técnicas de extração de espinhas do peixe



Peixe defumado



Peixe defumado embalado à vácuo

Mesmo após o encerramento da participação canadense no projeto, o Grupo Artesanal do Peixe Defumado e o Grupo Corvina de Ibiaí continuaram trabalhando. dia Contudo somente o Grupo Artesanal do Peixe Defumado de Três Marias tornou-se uma Associação (Associação de Desenvolvimento Econômico Comunitário Peixe Defumado).

Mesmo admitindo que articular os afazeres domésticos ao trabalho com a pesca exige mais esforços devido à duplicidade da jornada de trabalho, as mulheres do Grupo Artesanal sentiam-se realizadas profissionalmente, porém dificilmente percebiam o reconhecimento de sua capacidade produtiva, pois o lucro do grupo com as vendas do peixe defumado era insuficiente para a divisão entre os membros do grupo.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

O fato delas estarem trabalhando em grupo, porém, beneficiando o pescado criaram novos espaços de sociabilidade e novas relações sociais. A pesca começou a ser vista como uma oportunidade para que as mulheres ocupassem um espaço que antes não era permitido a elas.



Primeiras comercializações do peixe defumado

A participação da mulher no trabalho da pesca é um processo de desenvolvimento de novas relações a longo prazo. No caso das mulheres do Grupo Artesanal do Peixe Defumado, elas passaram a participar de feiras, cursos de capacitação técnica, discussões políticas e isso proporcionou o crescimento pessoal, e elas começaram a descobrir sua capacidade também para a esfera pública.

Considerações finais

Infelizmente, uma série de condicionantes, entre as quais a pobreza e o isolamento das comunidades, dificultando a atividade de comercialização, não permitiu o sucesso econômico dos empreendimentos. Corroborando com Souza (2010,p .11) um dos graves problemas nesta iniciativa produtiva foi o rompimento da condição de dependência com uma entidade externa responsável pela sua formação, no caso a ONG WFT e demais parceiros. Houve, porém, apenas uma coesão provisória em torno do propósito coletivista da empreitada. Os interesses particulares, mais individualistas, começaram a se sobrepor aos interesses coletivistas e as tensões aumentaram até mesmo por conta da ausência de ganhos pecuniários que era a maior expectativa do grupo.

Sob a perspectiva de gênero, a proposta da economia solidária, segundo Guérin (2005) apud Souza (2010), chega a ser vista como uma oportunidade histórica para uma



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

outra maneira da inserção da mulher na vida econômica. Souza (2010,p.14) ressalta que a economia solitária, por esse enfoque, possibilita sociabilidade a mulheres de áreas pobres, para além do ambiente familiar ou eclesial, emancipando-as em alguma medida do machismo de alguns maridos. Ainda segundo o autor, mesmo pequeno, o rendimento que a atividade econômica propicia é bastante significativo para as mulheres que estão há muito tempo ou desde sempre fora do mercado formal de trabalho. Isso não se realizou na área, o que pode ter comprometido as relações mais solidárias.

Contudo, dessas experiências destacam-se: 1) a valorização de uma técnica tradicional associada à vivência de uma técnica tradicional de fora do país; 2) a recuperação de uma técnica tradicional que esteve vinculada ao trabalho das mulheres, quando se refletia sobre atividades que foram pensadas no bojo das relações de gênero; 3) a força integradora de atividades ligadas ao aproveitamento de peixe, força que atrai homens e mulheres indistintamente; 4) a valorização das atividades quando elas significam sucesso, isto é, uma sensação de ter podido realizar algo que, mesmo associado ao que já se sabia (e talvez por isso a possibilidade imediata de aprendizagem), contribuiu para superar os limites do sabido e o medo de enfrentar situações novas; 5) a associação a sensação de sucesso à auto-estima.

No entanto, as razões que ocasionam muitas dificuldades para o sucesso de empreendimentos geridos por pescadores artesanais podem ser inúmeras, mas com certeza passam pelo déficit educacional, pela baixa rentabilidade do trabalho e pelas dificuldades de comercialização.

Outro desafio importante é a própria gestão do empreendimento. As mulheres começam a perceber, depois de algumas perdas significativas, a importância de conhecimentos sobre gestão, tema que foi rejeitado no início do projeto. Os aspectos positivos do empreendimento foram a disposição do grupo, a posição estratégica de Três Marias (que não pode ser explorada) para facilitar a comercialização e o apoio do poder local.

A tradição, para se integrar a uma perspectiva de desenvolvimento econômico e social, precisa ser ressignificada em uma perspectiva mercadológica. Assim o deseja a população ribeirinha: isso significaria melhoria das condições de vida e construção de auto-estima. As condições para que isso se realize dependem, porém, muito mais do que



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

simplesmente se organizar localmente. Depende de apoio e de condições de comercialização. Depende de como o grupo local se insere regionalmente.

Ressalta-se que, apesar de diversos estudos sociológicos e antropológicos se referirem à pesca como uma atividade masculina, cresce a participação de mulheres nas tarefas que envolvem a produção pesqueira e nos espaços a ela relacionados. Contudo, mesmo que elas trabalhem em conjunto com seus maridos ou em grupo se percebendo como sujeito e se identificando como trabalhadoras, elas nem sempre são reconhecidas como tais. Este preconceito não deriva somente de seus maridos e de parte da população local, homens e mulheres, mas também das instituições relacionadas à atividade que acabam reproduzindo uma visão essencialista e paternalista.

Talvez este seja um novo momento em que se deve pensar novas transformações nas relações de gênero, admitindo a importância produtiva das mulheres, dando-lhes voz e poder de decisão junto aos homens, para que se possa construir uma nova sustentabilidade.

Referência Bibliográfica

DA MATTA, R. Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro. Quarta edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. (1988). Da vida nervosa nas classes trabalhadoras urbanas. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.

SOUZA, André Ricardo de. (2010). A economia solidária é uma miragem. In: 34º Encontro Anual da Anpocs. Caxambu- MG.